

A relevância do ensino da filosofia existencial na Educação Básica

David Velanes de Araújo³¹

Resumo

Este trabalho buscou investigar como o ensino da Filosofia Existencial pode contribuir na formação de estudantes da educação básica, considerando que muitos jovens, de todas as idades, inseridos nos contextos escolares, se encontram em dispersão sobre suas existências e projetos de vida. Assim, o ensino de filosofia existencial pode contribuir na formação de educandos da Educação Básica, trazendo a construção de uma consciência sobre a existência, sobre a condição humana e sobre o sentido da vida e de sua autenticidade.

Palavras-chave: existencialismo, educação, filosofia.

The relevance of teaching philosophy existencial in Basic Education

Abstract

This work investigates how the teaching of Existential Philosophy can contribute to the education of students of basic training. Whereas young people of all ages entered in school contexts are dispersed about their existence and livelihood projects. Thus the teaching of existential philosophy can contribute to the education of students of Basic Education, bringing the building of awareness about the existence of the human condition and the meaning of life and its authenticity.

Keywords: physician of the culture, engagement, formation, interdisciplinarity.

³¹Professor de filosofia da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Estudante de Pós-Graduação do Centro Universitário Campos de Andrade. E mail: dvelanes@gmail.com

Introdução

Talvez uma das tarefas mais complicadas para o homem é refletir sobre sua condição no mundo enquanto ser existente. A dispersão existencial o leva a uma existência inautêntica, sem sentido, e isso se percebe no número de pessoas que desperdiçam suas existências, vivendo sobre o desespero, a angústia, o medo e a inércia. (Kierkegaard 1979; Abbagnano, 2006).

Educar é mais do que impor erudição e conhecimento, por isso educar é uma tarefa no sentido filosófico. Portanto, devemos pensar qual é o caráter da filosofia dentro das escolas. Pois tanto a filosofia, como a educação possuem a tarefa de colocar o homem diante de si mesmo e diante de sua condição no mundo (Andrade, 2008).

A Educação Básica que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio (BRASIL, 1996), traz consigo sintomas destes problemas e situações que correspondem a muitas queixas de professores sobre a realidade educacional. Mesmo considerando a falta de recursos para uma educação de qualidade e uma carência de políticas públicas para a educação, se percebe nos educandos uma falta de consciência sobre o sentido de vida. Jovens de todas as idades, inseridos nos contextos escolares, são totalmente dispersos sobre suas existências e projetos de vida.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio que tratam das Ciências Humanas e suas tecnologias trazem a ideia de construção de identidades responsáveis e solidárias, “compromissadas com a inserção em seu tempo e em seu espaço, pressupõe o **aprender a ser**, objetivo máximo da ação que educa e não se limita apenas a transmitir conhecimentos prontos”. (BRASIL, 2000, p.8). Segundo a LDB é neste sentido que o ensino de Filosofia contribui para o aprimoramento do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, e também para o exercício da cidadania (Brasil, 1996). O PCN ainda destaca que é preciso adquirir a habilidade para contextualizar os conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto nos planos pessoal-biográfico, no entorno sócio-político, histórico e cultural e no horizonte da sociedade científico-tecnológica (Brasil, 2000).

A sugestão apresentada neste trabalho através de uma metodologia hermenêutico-interpretativa, que é a essência da metodologia filosófica, é de que o conteúdo filosófico que mais se aproxima da aplicação ao plano *pessoal-biográfico*, que permite criar uma competência onde se possa contextualizar, a partir de conhecimentos filosóficos, vivências, modo de ser, e uma vasta visão de mundo, fundamentado de modo refletido e crítico, de acordo com o PCN, é o estudo da Filosofia Existencial, não dispensando, obviamente, a diversidade de conteúdos e problemas que a filosofia suscita em suas outras ramificações.

Nesse sentido, aponta-se que o ensino de filosofia existencial pode contribuir na formação de educandos da Educação Básica, trazendo a construção de uma consciência sobre a existência, sobre a condição humana e sobre o sentido da vida e de sua autenticidade.

Para tanto, primeiramente se buscou apresentar o existencialismo em seus aspectos teóricos e históricos para, posteriormente, identificar como esta corrente filosófica se relaciona com a educação, e por fim, é enfatizado como o ensino da filosofia existencial pode atuar na formação de sujeitos livres, conscientes e autênticos.

O que é existencialismo?

Desde Sócrates, Descartes, Pascal e Nietzsche já é possível pensar em questões existencialistas, porque suas filosofias abordam o *cuidado de si* como uma questão fundamental, embora com enfoques diferentes. Estes filósofos, antes do existencialismo se tornar uma corrente filosófica, sentiram a necessidade de refletir sobre a condição do ser humano enquanto um ser que deve efetuar escolhas dentro de uma existência repleta de conflitos. Mas, apenas com Kierkegaard é que os historiadores afirmam que a questão da existência como problema filosófico se tornou mais profunda na filosofia, e o consideram como o primeiro representante da filosofia existencial (HUISMAN, 2001). Soren Abier Kierkegaard (1813 – 1855) foi um pensador que questionou a precedência dos conceitos puros e intelectuais em prol de uma filosofia sobre a vida concreta do homem, criticando, deste modo, o pensamento hegeliano. Ele sugere uma filosofia que se volte para o indivíduo que deseje viver uma existência autêntica e verdadeira. Assim, ele constrói uma filosofia da existência que se contrapõe a todos os sistemas racionalistas, principalmente àquele elaborado por Hegel (CHAUÍ, 1979).

Além de abordar temas como a angústia existencial e o desespero, Kierkegaard caracterizou o sentido da vida, primeiramente tomada pela vida estética, que é predominantemente hedonista e que se contrapõe à dor e ao tédio, mas que se adere aos prazeres mundanos. Mas este modo de vida, além de não trazer quietude, se fundamenta numa busca eterna de novidades à qual conduz o ser humano ao desespero. Diferentemente da vida estética, o modo de vida ético se funda no compromisso com o dever e a responsabilidade perante a existência (CHAUÍ, 1979; ROVIGHI, 2001).

É preciso destacar que, de modo geral, o termo “existencialismo”³² designa um tipo de filosofia não sistemática, ou uma linha de pensamento onde o singular, o concreto e a existência são privilegiados em relação ao conceitual, nocional ou às generalidades, opondo-se, deste modo, ao “essencialismo” que insistia sobre a prioridade do conceito e de uma

³²Essencialismo’ Doutrina filosófica que confere, contrariamente ao existencialismo, o primado à essência sobre a existência, chegando mesmo, em suas reflexões, a fazer total abstração dos existentes concretos. Trata-se de uma filosofia do ser ideal, que prescinde dos seres reais. A filosofia de Hegel pode ser considerada essencialista”. (JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia, 2001, p. 67).

Sartre ainda informa que “Esta ideia [essencialismo] pode ser encontrada praticamente em todo lugar: encontramos-a em Diderot, em Voltaire e até mesmo em Kant. O homem seria o possuidor de uma natureza humana; esta natureza, que é o conceito humano, se encontra em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal, o homem; dessa universalidade resulta que, em Kant, o homem da selva, o homem da natureza e o burguês estão todos encaixados na mesma definição e possuem as mesmas qualidades básicas.” (SARTRE, J. P. O Existencialismo é um Humanismo, 2012, p. 19).

essência anterior à existência. Podemos dizer que o existencialismo diz respeito a uma atitude filosófica e que este termo começou a ser usado depois da I Guerra Mundial, depois que alguns pensadores adotaram uma visão mais concreta da realidade, em vez de verdades teóricas, se interessando fundamentalmente pelo problema da existência humana. Essa perspectiva causou repercussões em diferentes campos, dentre eles o artístico, o religioso, o ético e o social (HUISMAM, 2001; MOREIRA, 2003).

A filosofia existencial busca enfatizar o sentido da vida e seus problemas, e é apenas neste exercício que o ser humano se torna capaz de fazer algo sobre o “absurdo” que envolve a morte, a agonia, alegria do amor, a realidade da escolha e a experiência da liberdade (GILES, 1975; KNELLER, 1966). É neste sentido que o homem tem liberdade para criar e impor um significado à sua realidade, mesmo que esta possa funcionar sem ele. “Ao homem não pode ser “ensinado” o que é o mundo. Ele deve criar essa compreensão para si mesmo”. (SARTRE, 2012, p. 79). A subjetividade do homem na perspectiva existencialista não é um conceito pré-fabricado, anterior à existência. O indivíduo é um ser livre no mundo, capaz de dar sentido à sua própria existência e escolher o seu próprio destino. Portanto, para o existencialismo, as pessoas não são objetos pré-moldados e previsíveis. Nem um estímulo condicionante ou uma situação podem descrever suficientemente o comportamento de um ser humano, uma vez que este pode transcender a si mesmo e ao contexto sociocultural através de sua liberdade. “O mundo está ali: é concreto e particular, e qualquer essência que dele se abstraia é menos real do que os dados donde ela foi abstraída.” (KNELLER, 1966, p. 77).

Em uma conferência em Paris (1946), que depois se transformou em um ensaio intitulado *O Existencialismo é um Humanismo*, Jean-Paul Sartre (1905-1980) usa o exemplo do corta-papel, isto é, um objeto com um conceito pré-fabricado, para poder explicar uma das teses principais do existencialismo, originalmente formulada por Marx, segundo a qual “a existência precede a essência”:

Consideremos um objeto fabricado, como por exemplo, um livro ou um corta-papel: tal objeto fabricado por um artífice que se inspirou de um corta-papel é ao mesmo tempo um objeto que se produz de uma certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida, e não é possível imaginar um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que há de servir tal objeto. Diremos, pois, que, para cada corta-papel, a essência – quer dizer, o conjunto de receita e de características que permitem produzi-lo e defini-lo – precede a existência: e assim a presença, frente a mim, de tal corta-papel está bem determinada. Temos, pois uma visão técnica. (SARTRE, 2012, p. 18).

Mas então como o ser humano é apresentado na filosofia existencialista sartreana? O ser humano “Primeiro ele existe, se descobre, surge no mundo e só depois irá se definir, ou seja, primeiramente ele é “nada”, só depois será e o será conforme se fizer de acordo com o

que tiver projetado.” (SARTRE, 2012, p.19). Dessa forma, o homem constrói sua essência através de suas escolhas e ao nascer no mundo, é um não-ser. Só aos poucos vai tomando consciência de sua existência, acrescido com um enorme desejo de se tornar alguma coisa, isto é, “essencializar-se”. Mas, diferente dos objetos do mundo como o corta-papel, que são coisas acabadas, o ser humano nunca estará acabado, ou seja, o homem é um ser em eterna indeterminação até sua morte. Assim, o existencialismo coloca o homem em poder daquilo que do que ele é, conferindo-lhe responsabilidade total por sua vida. Responsabilidade essa, não apenas individual, mas que envolve todos os homens. Pois, as escolhas, segundo Sartre, envolvem toda humanidade, já que algo não pode ser bom para um indivíduo, sem sê-lo para todos (Sartre, 2012).

Em adição, Martin Heidegger (1889–1976) coloca o indivíduo como ser que se relaciona diretamente com o mundo e dele participa com os outros seres. Em sua concepção, há uma ligação entres os *Dasein*³³, estabelecida pelo estar-no-mundo com os outros, de modo que não é possível estabelecer distinção sobre eles, pois estar-no-mundo é viver em um mundo em comum com os outros. Para Heidegger, o ser humano só tem uma existência autêntica quando esta é idealizada pelo *Dasein*, desconsiderando todos os empecilhos e barreiras que possam entravar a sua autenticidade. Pelo contrário, a existência inautêntica se revela como um sentimento de desamparo. Aqui, o indivíduo se sente abandonado ao ser lançado no mundo cheio de possibilidades, das quais ele tem que escolher, sem, porém, que ele tenha escolhido nele existir. Contudo, se deve enfatizar que, segundo Heidegger, a existência inautêntica não se trata de uma simples aparência, ilusão ou de uma realidade empobrecida, mas um modo de ser necessário da própria existência. (KELLENER, 1966; ROVIGHI; HUISMAN, 2001).

Por fim, é preciso destacar que há dois tipos de existencialismo, a saber, o cristão e o ateu. No primeiro, se destacam Karl Jaspers (1883-1969), Gabriel Marcel (1889-1973) e Kierkegaard, já citado, todos de confissão católica (SARTRE, 2012). O existencialismo ateu, que pode ser representado por Heidegger, embora o mesmo não se considere como tal, e pelo próprio Sartre. (MESQUIDA *et al*, 2003). Ambas as correntes comungam do mesmo princípio fundamental, que é o problema da existência, contribuindo para várias outras áreas do conhecimento, entre elas a educação.

Existencialismo e educação

³³Dasein (al.: existência, ser-aí) Termo heideggeriano que significa realidade humana, ente humano, a quem somente o ser pode abrir-se. Mas como é ambíguo, correndo o risco de abrir uma brecha para o humanismo, Heidegger prefere utilizar a expressão ser-aí. Na linguagem corrente, Dasein quer dizer *existência humana. Mas Heidegger procura pensar o que separa o *homem dos outros entes. Enquanto os *entes são fechados em seu universo circundante, o homem é. Graças à linguagem, ai onde vem o ser. Assim, o Dasein é o ser do existente humano enquanto existência singular e concreta: "A essência do ser-aí (Dasein) reside em sua existência (Existen), isto é, no fato de ultrapassar, de transcender, de ser originariamente ser-no-mundo." (JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia, 2001, p. 48).

A Filosofia Existencial não chegou a contribuir claramente para uma proposta pedagógica tão específica quanto às filosofias tradicionais o fizeram. Entretanto, as críticas feitas pelos existencialistas contra essas filosofias são de extrema relevância para se pensar a educação. Além disso, a Filosofia da Educação pode herdar a mensagem da liberdade autêntica e unicidade individual, ambas afirmadas pela Filosofia Existencial. Deste modo, uma teoria educacional com bases existencialistas iria à contracorrente sobre uma tendência voltada ao conformismo e acomodação pessoal a essências preestabelecidas, isto é, contra um sistema de educação que leva os educandos a se ajustar a uma coletividade, em vez de buscar seus próprios caminhos (KELLENER, 1966).

Esse tipo de aluno “bem ajustado” tem seus moldes fora da escola, fundamentados por diferentes papéis sociais, ou ao rebanho como afirma Nietzsche. Para o filósofo, grande parte das pessoas se acomodam a uma moral coletiva, baseada na submissão irrefletida aos valores dominantes da civilização cristã e burguesa. Trata-se, pois, de uma crítica ao conservadorismo cego e à ideologia do mundo burguês. Destarte, é nesse sentido que uma filosofia da educação com base existencialista deve procurar estimular o desenvolvimento da subjetividade livre e criadora de cada educando, sendo o grupo apenas um meio para o indivíduo se desenvolver, caso seja de sua própria vontade, e não por pressões sociais para se adequar a padrões estabelecidos socialmente sem engajamento do próprio indivíduo. (KELLENER, 1966).

De acordo com os defensores da filosofia da existência, somente as posições existencialistas e a prática pedagógica que delas decorre, permitem a formação de uma consciência capaz de levar o homem, enquanto ser-no-mundo, a compreender as suas relações com a natureza e com os outros homens. (MESQUIDA et al, 2003, p.4).

Ao mesmo tempo, Farias (2013) afirma que Heidegger ao trazer em sua obra *Ser e Tempo*, uma discussão a respeito da existência humana, nos mostra um modo particular de compreensão e interpretação do *ser-aí* atuante no mundo e, também, como ele se relaciona consigo mesmo e com as outras formas de ser. Logo, se a educação escolar tem a proposta de inserir as pessoas em um mundo marcado pela linguagem e códigos, se torna necessário o esclarecimento de que quanto mais compreendermos o ser humano, maior será a nossa habilidade de conseguirmos colaborar com seu processo de formação. Por isso, na perspectiva heideggeriana “o processo educacional autêntico é aquele em que alunos aprendem o próprio significado do aprendizado. Isso implica que eles aprendam que, somente se forem chamados singularmente pelo que está em questão, de fato estarão aprendendo”. (ANDRADE, 2008, p.66).

Por conseguinte, o estudante se torna o foco central da ação pedagógica diferentemente da concepção tomista-aristotélica, onde o professor seria o centro dessa mesma ação. Assim, o existencialismo respeita o indivíduo em sua individualidade, tornando

cada estudante um microcosmo, ou um ser único que deve ser levado em consideração na prática educativa do docente. Em seguida, coloca o paradigma de que conhecimento não pode ser transmitido, mas decorre de um método dialógico que se estabelece entre os *seres-aí*, que conservam sua individualidade. Neste sentido, o processo de aprendizado é colocado como uma inserção apaixonada no objeto de estudo, ou, como um mergulho na realidade com o intuito de decodificá-la (MESQUIDA *et al*, 2003).

Na perspectiva do existencialismo, há uma rejeição para com as concepções tradicionais entre professor e aluno. O professor não é o centro do conhecimento ou consultor de situações, muito menos alguém que tenha a personalidade a ser imitada. A função do professor é assistir pessoalmente cada indivíduo em seu caminho para a realização enquanto Dasein. Ele deve, também, encorajar os estudantes no empenho dos estudos e na reflexão sobre o conhecimento; estimular a crítica, mas acima de tudo, os estimular, para que esses busquem, através do conhecimento, a autenticidade, agindo no tecido da imaginação humana, bem no estilo socrático. Tal estilo seria o ideal para a educação, pois, além de tornar mais íntima a relação entre professor e alunos, estes últimos aprenderiam melhor aquilo que eles próprios reputassem como verdade. Deste modo o professor, de forma processual, ajudaria aos seus alunos a darem à luz à grandes criações (KNELLER, 1966).

Mesquida *et al* (2003) ressalta que a pedagogia libertadora de Paulo Freire traz um aspecto existencialista, mesclado com a dialética marxista, porque o foco da educação, neste educador brasileiro, é o homem concreto, oprimido, explorado e desumanizado. Nas palavras de Sartre, seria o homem *objetificado* em uma situação que não pôde escolher ter nascido mas que, pela liberdade que possui, tem a potencialidade de mudar sua realidade (Sartre, 2012). É por isso que os educandos não podem ser percebidos como depósitos de conhecimento, ao contrário, a eles deve ser propiciado um exercício problematizador, dialógico e questionador sobre sua condição, situação, sobre seu estar-no-mundo (Freire, 1987).

O existencialismo trabalha com o conhecimento subjetivo porque o homem é um ser não apenas de intelecto, mas que possui, também, afetos. Nesse sentido, para se conhecer alguma coisa, o homem precisa relacionar consigo mesmo. Assim, o conhecimento deve se ligar à verdadeira finalidade do ser, que é se envolver autenticamente com a vida. Defende-se, portanto, o conhecimento autoconsciente de si, que emancipa o homem de sua ignorância e dos preconceitos.

O papel do ensino da filosofia existencial na escola

A filosofia deve começar ajudando o educando a tomar consciência da finitude da vida e da inevitabilidade da morte, a qual o ser humano teme e o angustia, adotando o método existencialista. Para isso, é preciso refletir sobre a condição humana e também sobre ser humano em relação a si mesmo.

A educação básica, em geral, não traz esse tipo de reflexão, relegando a ideia de

morrer, como se não fosse algo importante. Mas, deveríamos refletir constantemente sobre tal tema, porque a morte apaga totalmente nossa essência, o que fizemos ou pensamos. Embora os jovens enxerguem a morte como algo distante, ou tratam como algo melancólico ou depressivo, esta reflexão contribui para uma vida autêntica que engloba a consciência onipresente da condição humana, nos torna cômicos dos valores da vida e exalta a própria existência, levando a analisar a própria vida, pois a eminência da morte é um dos mais poderosos incentivos para o autoexame. Nesse sentido, cabem palavras de Pascal:

Quando considero a duração mínima da minha vida, absorvida pela eternidade precedente e seguinte, o espaço diminuto que ocupo, e mesmo o que vejo, abismado na infinita imensidade dos espaços que ignoro e me ignoram, assusto-me e assombro-me de me ver aqui e não lá. (PASCAL, 1999, p. 66).

Ao estudante deve ser apresentada a possibilidade de aprender a viver a vida no conhecimento, ajudando-o a entender que esta terá um fim. Por isso, é importante que ele se pergunte para que ele vive, e se está vivendo plenamente como um ser livre ou se, ao deixar sua vida, essa terá tido alguma importância. (KNELLER, 1966).

O si mesmo da presença (Dasein) cotidiana é o impessoalmente-si-mesmo, que distinguimos do propriamente si-mesmo, ou seja, do si mesmo apreendido como próprio. Enquanto impessoalmente-si-mesma, cada presença se acha dispersa no impessoal, precisando ainda encontrar a si mesma (HEIDEGGER, 2011, p.186).

De outra feita, o existencialismo pode contribuir para a educação com novas maneiras de se pensar o contexto educacional, ajudando ao educando compreender o homem, o mundo, a si mesmo, a angústia, o cuidado, a linguagem a fala etc. (MESQUIDA *et al*, 2003).

O estudante da educação básica precisa reconhecer que a frustração e o conflito não são coisas indesejáveis, que precisam ser evitadas a qualquer custo, tal como a cultura dominante impõe. É preciso reconhecer que a frustração e o conflito são aspectos da condição humana. Com efeito, a escola deveria familiarizar o educando com a dualidade da vida humana, onde, por um lado, existe a dor, o sofrimento, o terror e, por outro, a beleza, o êxtase e alegria. “Como o significado da existência preside no próprio homem, o estudante deve usar o seu conhecimento de realidades externas para congruar-se mais completamente com a sua própria natureza”. (KNELLER, 1966, p. 89).

O ensino de filosofia existencial na educação básica pode auxiliar para o despertar de uma consciência no educando de que ele é dono do próprio destino e responsável por ele. O ser humano enquanto ser-no-mundo, é antes de tudo, compreensão de si mesmo, e nesse processo de compreender a si, está implícita a nossa essência, o nosso agir e o nosso pensar que determinam o nosso eu individual. É nesse sentido que o homem se relaciona no mundo e

como seus semelhantes, devido ao *seu modo* de estar “lançado” no mundo. A partir de *sua* condição, ele seleciona e elege aquilo que lhe proporciona uma melhor compreensão da sua existência, se lançando ao futuro (ANDRADE; LYRA, 2008; FARIAS, 2013).

O homem faz o que *vier a ser* (SARTRE, 2012), e é na intensidade do existir que a realidade se revela. Isso pode ser ao mesmo tempo aterrador e desafiador, pois exige de toda prática e reflexão humanas um engajamento com a vida. Deste modo, o homem é responsável de ser o que é e o que será em sua existência, usando sua liberdade, ou escolha individual, para escolher seu destino que é somente seu e único (MESQUIDA *et al*, 2003).

A filosofia da existência também pode contribuir para que o estudante adquira uma postura livre, ética e responsável pela sua existência e seus atos. O homem é livre, portanto as aulas sobre o existencialismo devem estimular a consciência sobre as tendências que atuam no sentido de desumanizar o ser humano, reduzindo-o a objeto, minando sua liberdade e explorando-o pelos meios de comunicação. Deve trazer o entendimento sobre a subordinação de indivíduos às máquinas e sistemas econômicos, sobre a ilusão de uma democracia perversa, e tantas outras questões sociais e políticas que se reproduzem nas escolas como apontam as teorias crítico-reprodutivistas. (KNELLER, 1966; ARANHA 1989).

É nesse sentido que Sartre (2012) nos mostra que toda ação tem como condição indispensável a liberdade de quem atua. Então, agir é modificar a realidade visando um fim projetado pelo qual se quer alcançar. A realidade humana é parte do que o indivíduo escolhe, portanto, nada vem de fora ou de dentro. O homem está abandonado e sem ajuda em sua necessidade de construir a si mesmo até os mínimos detalhes. É pela liberdade de escolher a ação que o homem cria o seu próprio caminho através de um lançar-se no futuro, em busca de realizar seus projetos de felicidade. E Sartre insiste:

A consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra “responsabilidade” em seu sentido corriqueiro de “consciência” (de) ser autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto. Nesse sentido a responsabilidade do Para-si, já que o Para-si é aquele que se faz ser (...) o Para-si deve assumi-la [a responsabilidade] com a consciência orgulhosa de ser os eu autor, pois os piores inconvenientes ou as piores ameaças que prometem atingir minha pessoa só adquirem sentido pelo projeto; e elas aparecem sobre o fundo de comprometimento que eu sou. Portanto, é insensato pensar em queixar-se, pois nada alheio determinou aquilo que sentimos, vivemos ou somos. (SARTRE, 2012, p. 678)

Como o existencialismo traz a reflexão sobre a existência e sua condição, se afirma aqui que o homem, ao se reconhecer como um ser de liberdade, poderá desenvolver uma consciência do agir ao superar o platô da dispersão existencial. Esta se trata de uma forma em

que o indivíduo se encontra no mundo sem a consciência dos condicionamentos exteriores às suas escolhas e ações (ABBAGNANO, 2006). Com efeito, a forma que o homem encontra para evitar a dispersão é o estudo da própria condição existencial, enquanto um ser que é livre em um mundo cheio de possibilidades. Aqui, então, podemos perceber a relevância do ensino de existencialismo na educação básica, a fim de criar as condições de possibilidades para que os estudantes desenvolvam a autorreflexão sobre o mundo em que vivem e sobre si mesmo em vista de um cuidado de si, que afaste a dispersão e traga a autenticidade.

Uma educação com bases existencialistas vai contra uma forma de educação escolar padronizada. Concorde-se que se deva-se oferecer aos estudantes uma igualdade de oportunidades, entretanto, isso não justifica que todas as crianças possuam e devam seguir os mesmos ritmos escolares. Deve-se, portanto, permitir maior variedade de métodos e de organizações educativas, porque uma educação padronizada tende a obstruir o desenvolvimento dos indivíduos, pois a finalidade da educação deve, a princípio, ser o próprio indivíduo. O indivíduo ao surgir no mundo, está imerso em um contexto de aprendizado e ensinamentos no qual a escola tem grande importância, mas “para se esquivar dos ditames recebidos, terá de ir contra si-mesmo, pois o seu modo de ser e estar no mundo faz parte destas aprendizagens.” (FARIAS, 2013, p.7). Dessa forma, evita-se, também, a concretização daquilo que Heidegger chamou de modo de ser impróprio ou impessoal e inautêntico (ANDRADE, 2008).

Por outro lado, a filosofia da existência não abriga o egoísmo, porque buscar de forma egoísta a nossa liberdade, sem atentar para os efeitos que essa tomada de posição possa causar em outros, equivale a transgredir o próprio significado de liberdade. Sendo a liberdade, a base da moralidade, não se espera que o homem abrace todos os padrões morais estabelecidos, sem que cuide de seus afetos íntimos e pessoais. Assim, em uma aula de filosofia existencial, o professor não pode impor seus valores, mas, apenas, apresentar os princípios e razões que a fundamentam, permitindo que os estudantes tomem suas próprias decisões. Não se trata de defender uma anarquia moral, mas enfatizar que os alunos não podem continuar a ser “conduzidos” pelo professor e pelos princípios, supostamente eternos, estabelecidos socialmente. (KNELLER, 1966).

Cabe ao professor estimular entre os estudantes, o cuidado de si e, ao mesmo tempo, o amadurecimento da ideia de que todos somos responsáveis pelo que fazemos e não é possível escapar das consequências de nossos atos, pois essas são resultados inevitáveis da liberdade de escolha, incluindo-se aí, as escolhas impensadas. É por meio do cuidado que o homem dá sentido aos seus projetos de felicidade. Destarte, uma educação escolar, para cuidar de seus educandos, precisa levar em consideração as singularidades de cada indivíduo e criar as condições de possibilidade para sua realização no sentido formar seres mais autênticos e livres (KNELLER, 1966; FARIAS, 2013).

Considerações finais

Ao se falar de ensino de filosofia existencial na educação básica é preciso abordar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Assim, devemos nos perguntar: qual conteúdo específico, dentro do eixo existencialista, deva ser ensinado? Nesse sentido, concordamos em trazer a contribuição da pedagogia dita progressista, pois nessa concepção, a escola é entendida como local de aprendizado conteúdos, os quais devem ser ensinados de forma crítica e socializadora, com o intuito de servirem democraticamente à toda sociedade (ARANHA, 1989; SAVIANI, 2001).

Os conteúdos programáticos não podem ser “matérias estanques”, mas instrumentos de realização do indivíduo que vive em sociedade. Assim, impõem-se os limites do estudo dirigido, pois o estudante, pelo exercício de sua liberdade, escolhe o que efetivamente aprende, tendo em vista que faz sentido pra si mesmo, pois, em última instância, é ele quem decide sobre o seu próprio caminho. Por esse mesmo motivo, concorda-se que o método dialógico é o que melhor se adequa para o ensino de filosofia pois, é pelo diálogo que se problematiza e que se gera reflexão e se contribui para a formação de conceitos. (MESQUIDA *et al*, 2003; ASPIS E GALLO, 2009). O professor de filosofia, antes de tudo, deve ser filósofo e deve ter a habilidade para refletir, indagar e discutir sobre todos os conteúdos e temas filosóficos a serem ensinados na escola.

O ensino do existencialismo pode trazer aos nossos estudantes a consciência de que somos seres *lançados no mundo* e que precisamos dar respostas aos anseios de nossas existências, buscando a autenticidade. Essa percepção implica que não se possa deixar-se perder na coletividade ou na dispersão. O ensino dos conteúdos da filosofia existencial na escola pode ajudar ao educando a participar de momentos nos quais a reflexão sobre a *sua* maneira de estar no mundo seja levada em consideração. Dessa forma, ele pode vir a entender a si mesmo como alguém com capacidade para assumir as responsabilidades de sua existência. (MESQUIDA *et al*, 2003).

Uma educação que tenha a capacidade de por os estudantes a refletir sobre sua existência e condição no mundo e sobre seus projetos de vida, os ajudará no processo de autoconhecimento, possibilitando a construção de uma vida autêntica, guiada pela liberdade. Entende-se que a escola é um local privilegiado para combater a tendência conformista, fortemente marcada socialmente. Nesse aspecto, o ensino de filosofia da existência pode contribuir para o enriquecimento das pessoas, de suas formações e da criação de suas próprias essências.

Submetido em abril de 2014.

Aprovado para publicação em maio de 2014.

REFERENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa, Portugal: Presença, 1984.

_____. **Introdução ao existencialismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ANDRADE, Pedro Duarte de. Heidegger Educador. **Aprender** - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista Ano VI n. 10 p. 57-72 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **Pedagogia e filosofia da existência**: um ensaio sobre formas instáveis da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

_____. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Médica e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais (PCN+)**: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96.

BURSTOW, Bonnie. A filosofia sartreana como fundamento da educação. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 70, Abril/00.

CHAUÍ, Marilena. **Kierkegaard**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 9-24.

FARIAS, Maria do Rosário Teles de. Heidegger em Ser e Tempo: Diálogos com a Educação Escolar. In: Congresso de Fenomenologia Da Região Centro-Oeste. nº 5, 2013. Goiânia. Anais. **Fenomenologia, Cultura e Formação Humana**. Goiânia: NEPEFE/FE-UFG, 2013. P. 140-150.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. Bauru: EDUSC, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KNELLER, George F. **Introdução à filosofia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano. In.: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural: 1979.

LYRA, Edgar. Heidegger e a Educação. **Aprender** - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista Ano VI n. 10 p. 33-55, 2008.

MESQUIDA et. al. Prolegômenos para uma prática educativa existencialista. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.9, p.115-120, maio/ago. 2003.

MOREIRA, Joselito Adriano. O homem existencialista em Sartre. In: **Ensaio**: nosso modo de pensar. Mariana: Dom Viçoso, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **La gaya ciencia**. Madrid: A. L. Mateos S.A. 1994.

PASCAL, Blaise. Pensamentos. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **O ser e o nada**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 2011.